



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CATARINA PINA BOECHAT

A NOVA REPRESENTAÇÃO DO IDOSO NO CINEMA

BRASÍLIA

2013

CATARINA PINA BOECHAT

A NOVA REPRESENTAÇÃO DO IDOSO NO CINEMA

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado como trabalho final do curso
Comunicação Social, habilitação em
Jornalismo, na faculdade de tecnologia e ciências
sociais aplicadas – FATECS do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Mestre Úrsula Diesel

BRASÍLIA

2013

A Deus, aos meus pais Ana Izaura e Flávio,
ao meu irmão Ivan, minha família, a Lolita.

RESUMO

Este trabalho aborda uma nova forma de representação dos idosos pela indústria cinematográfica. Antes, o idoso era retratado de forma pessimista, hoje, em parte dos filmes, as pessoas da terceira idade são representadas na tela do cinema de uma forma proativa, abertas a relacionamentos amorosos, independentes e vaidosos. Esta mudança parece ser fruto do aumento da população idosa e das modificações em torno do imaginário desta fatia da população. É por meio do cinema que enxergamos essas mudanças nas representações dos idosos e, conseqüentemente, no imaginário em torno deles. Os filmes que vão ser analisados de acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais. Os longa-metragens são: **O outro lado da rua** (2004), **Toda forma de amor** (2010) e **E se vivêssemos todos juntos?** (2011).

Palavras-chave: Velhice. Representação. Cinema. Cultura. Imaginário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 A VELHICE	7
1.1 CRESCIMENTO POPULACIONAL	8
1.2 REINVENÇÃO DA TERCEIRA IDADE.....	10
2 CINEMA	13
2.1 ESTUDOS CULTURAIS	15
2.2 A VELHICE NA TELA	16
2.3 O IMAGINÁRIO EM TORNO DO IDOSO E NO CINEMA	19
3 ANÁLISE DOS FILMES	22
3.1 O OUTRO LADO DA RUA	22
3.2 TODA FORMA DE AMOR.....	29
3.3 E SE VIVÊSSEMOS TODOS JUNTOS?	35
3.4 SISTEMATIZAÇÃO	42
3.4.1 <i>SEXUALIDADE E RELACIONAMENTOS AMOROSOS</i>	<i>42</i>
3.4.2 <i>INDEPENDÊNCIA E RELAÇÃO COM FAMILIARES</i>	<i>43</i>
3.4.3 <i>CUIDADOS PESSOAIS/VAIDADE</i>	<i>43</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXO A	51

INTRODUÇÃO

Com o envelhecimento da população e as mudanças de paradigmas relacionados à imagem do público idoso, uma nova forma de abordar a velhice ganha força e é retratada nas telas de cinema do mundo.

A escolha do tema em questão se deve ao fato de ter observado um aumento na produção de filmes que tem como personagens principais os idosos, e possui como diferencial a forma positiva como são retratados. A grande qualidade que as películas possuem também chama a atenção, atraindo diferentes públicos, além dos idosos.

A relevância do tema aparece inclusive na produção acadêmica, exemplo desta tendência é a dissertação **Construções Imaginárias da Velhice Feminina no Cinema Brasileiro Contemporâneo**, de Maíra Carvalho Ferreira Santos. Seu trabalho me serviu como um grande modelo para a realização desta monografia e me apresentou os Estudos Culturais, que, nesta monografia é apresentado um debate inicial sobre o tema em questão, e nos quais pretendo seguir estudando e me aprofundar em seus autores e debates.

Como problemática, adotou-se o seguinte questionamento: Por que a indústria cinematográfica tem investido em filmes para a terceira idade e quais características podem ser observadas nos filmes selecionados?

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro aborda-se a visão negativa que acompanha o idoso desde a Antiguidade. Mas com o aumento da população idosa e a nova forma de ver o velho nestas últimas décadas, uma nova imagem foi criada e refletida na indústria cinematográfica.

No que se refere a contextualização do velho no Brasil, este trabalho vai se basear no Art. 1º do **Estatuto do Idoso**, que considera uma pessoa idosa a que possui idade igual ou superior a 60 anos de idade.¹

O cinema é abordado na segunda parte do trabalho. A sua capacidade de oferecer uma impressão da realidade foi um dos fatores que contribuíram para o seu sucesso. A ideia de abordar os filmes como obras de arte também é debatido neste capítulo. Para isto autores como Walter Benjamin, Edgar Morin e Jean-Claude Bernardet são apresentados e suas ideias exploradas. O imaginário em torno do

¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 25 abr. 2013.

idoso e a forma como isto se reflete no cinema são abordados tendo como base os Estudos Culturais que contribuíram para um melhor entendimento da construção de uma imagem negativa perpetuada em torno do idoso, assim como as transformações ocorridas e refletidas nas telas de cinema.

Diversos filmes serão citados no decorrer deste trabalho, mas somente três serão analisados em profundidade no terceiro capítulo. Os filmes escolhidos para análise são:

- O outro lado da rua (2004), de Marcos Bernstein, brasileiro.
- Toda forma de amor (2010), de Mike Mills, norte-americano.
- E se vivêssemos todos juntos? (2011), de Stéphane Robelin, francês com co-produção na Alemanha.

Como fundamentação metodológica, as escolhidas são a explicativa e a descritiva. Explicativa por identificar fatores que colaboram para a ocorrência do fenômeno em questão. Descritiva por analisar três filmes que abordam o tema velhice no cinema.

Como fundamentação teórica, o trabalho irá se basear na teoria crítica, que possui como problemática básica a lógica da produção cultural. Como o tema abordado é sobre a produção cinematográfica voltada para os idosos, a teoria crítica é ideal para dar fundamentação teórica para que possamos compreender e entender melhor a lógica da produção cultural.

A análise dos filmes foi feita com base nos Estudos Culturais e os temas sexualidade e relacionamentos amorosos, cuidados pessoais/vaidade e independência e relação com familiares foram abordados em cada um dos três filmes.

1 A velhice

Numa civilização que se distingue pela velocidade e que exalta a juventude, os velhos não têm situação invejável, pois falta-lhes elasticidade, agilidade, destreza e há limitações físicas. Além disso, existem os fantasmas oriundos de preconceitos de velhas civilizações, em que os idosos eram tidos como desprezíveis ou eram simplesmente eliminados. (KAUFMAN, 2012, p. 7)

A velhice é ligada, historicamente, à proximidade com a finitude, a doenças, limitações e a solidão. Como Fani G. Kaufman (2012) aborda no livro **Novo velho: envelhecimento, olhares e perspectivas**, na Grécia Antiga a chegada da idade era vista como uma fase trágica da vida, e a pessoa idosa era desvalorizada, tendo que recorrer a ervas e rituais para alcançar a tão sonhada juventude.

Ainda na Antiguidade, os alquimistas chineses e indianos faziam uso de substâncias para alcançar a longevidade. Segundo Mascaro, no livro **O que é velhice**, os alquimistas chineses “acreditavam que pílulas preparadas com o ouro em pó poderiam transformar os velhos em jovens novamente.” (2004, p.19). Enquanto os indianos “preferiam encontrar a planta que regenera e rejuvenesce, em vez de conquistar a imortalidade.” (MASCARO, 2004, p.19)

Porém, não é necessário buscar todas as explicações na mitologia e no passado, uma vez que na sociedade contemporânea o adiamento da velhice também pode ser observado.

Em uma sociedade em que o jovem é constantemente exaltado pelo vigor e aparência, os limites impostos pela idade, as rugas e os cabelos brancos transmitem valores negativos. Este comportamento abre espaço para as cirurgias plásticas e diversos tratamentos estéticos, que reinam e geram lucros milionários em um mercado em crescimento.

A abordagem de Mascaro ilustra a negação em relação ao avanço da idade. A autora afirma que “o mundo atual celebra os valores, o comportamento, a aparência e a moda dos jovens.”. (2004, p. 21). Para exemplificar, cita o filme **Cocoon** (1985), de Ron Howard, em que moradores idosos de um asilo utilizam uma piscina que está energizada e depois de mergulharem se sentem rejuvenescidos. “O desejo de adiar a velhice é um anseio legítimo, compreensível do ser humano, e faz parte da luta do homem para vencer a doença, a dor, a infelicidade e a morte.” (MASCARO, 2004, p. 22-23)

Já publicado na década de 1970, o livro **A velhice – O mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos**, de Simone de Beauvoir, também aborda o envelhecimento na sociedade atual. A autora aponta para as imposições comportamentais que os idosos sofrem. “É a classe dominante que impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela.” (BEAUVOIR, 1990, p. 265)

A relação conflituosa entre velhos e adultos é profundamente abordada neste trabalho. Segundo a autora, o idoso é considerado pelos “indivíduos ativos” como uma “espécie estranha”. Isto acontece porque “o tempo o conduz a um fim - morte - que não é seu fim, que não foi estabelecido por um projeto.” (BEAUVOIR, 1990, p. 266)

Pela falta de reciprocidade estabelecida entre adultos e idosos, muitas vezes, compara-se a condição do velho a de uma criança, minando suas capacidades e diminuindo-os. Segundo Beauvoir:

Não é por acaso que é tão comum se falar nas famílias, da criança ‘extraordinária para sua idade’, e também do velho ‘extraordinária para sua idade: o extraordinário é que, não sendo ainda homens, ou não sendo mais homens, eles tenham conduta humanas. (1990, p. 266)

1.1 Crescimento populacional

Apesar do imaginário em torno dos idosos, sua imagem já sofreu diversas modificações com o passar do tempo. E essas mudanças aconteceram simultaneamente ao aumento da população terceira idade.

O livro de Simone de Beauvoir nos contextualiza a respeito do aumento da expectativa de vida, fato que, segundo a autora, é perceptível desde a Antiguidade:

No século XVIII, a expectativa de vida na França era de 30 anos. Durante longos séculos, a proporção dos indivíduos de mais de 60 anos variou muito pouco: em torno de 8,8%. O envelhecimento da população começou na França, no fim do século XVIII, e, um pouco mais tarde, o mesmo fenômeno produziu-se em outros países. (1990, p. 271)

Beauvoir ainda aborda a situação dos países subdesenvolvidos, que apresentam um cenário diferente, sendo considerados países de jovens. “Em certos países, a metade da população tem menos de 18 anos de idade. Nas índias, há 3,6% de velhos; mais ou menos 2,45% no Brasil; 1,46% no Togo”. (1990, p. 273)

Porém, a cena atual no Brasil é outra. O segmento etário acima dos 60 anos está em constante expansão. De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), em 2050 para cada 100 crianças de zero a 14 anos, vão existir 172,7 idosos.²

Podemos observar este desenvolvimento desde a década de 1960 descrito no artigo **O novo idoso brasileiro: A resignação da velhice e o consumo na melhor idade**, de Viviane Cristina Maia Gomes e Maria Luiza Martins de Mendonça, que afirmam:

De acordo com o IBGE, desde os anos 1960, o crescimento populacional brasileiro experimenta declínios intensificados pela queda da fecundidade. Segundo as projeções, o Brasil apresentará um potencial de crescimento populacional até 2039, quando se espera que a população atinja o chamado crescimento zero. Já o aumento da expectativa de vida – que também fez elevar o número de idosos no Brasil – é consequência de fatores como investimento em saúde, saneamento básico, tecnologia, políticas sociais, previdência social e assistência aos que envelhecem, cita Alves Júnior (2009, p. 30). (GOMES, Viviane; MENDONÇA, Maria, 2011, p. 2)

De acordo com a pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), nos próximos dez anos a população mundial com 60 anos ou mais vai aumentar em, aproximadamente, 200 milhões. Em 2050, os cidadãos da terceira idade vão superar a casa de 1 bilhão de pessoas.³

Com os dados apresentados acima, podemos afirmar que o aumento desta fatia da população é indicador social de que a qualidade de vida melhorou e de que os idosos estão conquistando um espaço significativo na sociedade.

Os direitos legais que os cidadãos da terceira idade conquistaram também foram um fator fundamental para o aumento da população idosa. No Brasil, com os avanços da legislação direcionada especificamente para os idosos, a Política Nacional do Idoso (Lei 8.842/94) – PNI garante que os direitos da população da terceira idade sejam cumpridos e respeitados. Segundo o livro **As múltiplas faces do idoso no Brasil**, a lei criada permite “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (art 1º). (BORGES, 2003, p. 79)

Fruto do aumento da expectativa de vida, o mercado brasileiro e internacional tem enxergado nesta fatia da população uma nova oportunidade de negócios, que vão muito além do consumo de medicamentos. O fato é abordado no artigo **Melhor**

² Disponível em:

<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1272>. Acesso em: 18 maio.2013.

³ Disponível em: <http://www.onu.org.br/populacao-com-mais-de-60-anos-alcancara-1-bilhao-de-pessoas-em-uma-decada/>. Acesso em: 17 abr.2013.

idade – Oportunidade de grandes negócios: “Na medida em que o mercado cresce e com ele um novo perfil de consumidor, é de fundamental importância que as empresas estejam atentas e preparadas para atender um segmento em crescimento.” (REIS, 2011, p. 3)

Atentos ao crescimento do público em questão, o mercado tem se preparado para as mudanças que vem ocorrendo com o aumento da população idosa mundial. Prova disto é o aumento de produtos culturais com uma linguagem direcionada para o público da terceira idade.

É neste cenário que surge um novo *nicho* cultural, com produtos voltados para o público em questão. Na reportagem **Cinema para depois dos 60** da Revista Época (ver anexo), os jornalistas abordam o avanço deste público. “[...] é a vontade dos mais velhos em se manter atualizados. Com tantos filmes para adolescentes, aqueles que nasceram entre os anos 1940 e 1960 sentiam-se excluídos.” (MACHADO, Tonia; PAVARIN, Guilherme, 2012)

Neste sentido pode-se notar entre os idosos uma mudança de comportamento diante do consumo, fazendo com que os empresários fiquem de olho nesta fatia do mercado. (REIS, 2011)

Tais mudanças também são refletidas na forma em que o idoso é representado no cinema, provocando modificações no imaginários em torno da população da terceira idade.

1.2 Reinvenção da terceira idade

Oscar Niemeyer estava com 89 anos quando viu o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, projetado por ele, ser construído. Aos 70 anos, Paul McCartney reuniu 250 mil pessoas em uma apresentação de sua última turnê, *On the run tour*. O cineasta Woody Allen emplacou seu maior sucesso de bilheteria, *Meia noite em Paris*, aos 76 anos – e faz um filme, cada um melhor que o outro, por ano. (...) Caetano Veloso, aos 70 anos, fechou uma trilogia de CDs hipersuperarrojados. Gal Costa, aos 67 anos, gravou o CD *Recanto*, tão moderno que deixou jovens cantoras comendo poeira. (ANIC, 2013, p. 42)

O tema velhice já foi tratado como um tabu por muitos anos. Porém, nas últimas três décadas os estereótipos em torno da imagem dos idosos vêm sendo repensados. As mudanças a serem abordadas neste capítulo têm dado uma maior visibilidade a estes cidadãos e já podem ser observadas na mídia. Exemplo dessa

mudança é o texto citado acima, que foi retirado da reportagem **E o que é ser idoso?** da Revista Lola, edição 30, março 2013.

Também no artigo **Terceira idade: nova idade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?**, Silva aborda justamente esta nova realidade que cerca a imagem dos idosos na atualidade, contribui para visualizar de forma mais clara as transformações sofridas nestas últimas décadas.

No lugar das tradicionais imagens que articulavam o envelhecimento somente ao descanso, a quietude e a inatividade, surge um modelo identitário que inclui, em sua definição, o estímulo a atividade, a aprendizagem, a flexibilidade, o aumento da satisfação pessoal e a formação de vínculos afetivos inéditos. (SILVA, 2008)

Mas até chegar nesta nova fase de enxergar o velho como um ator social inserido na sociedade de consumo, muitas mudanças comportamentais ocorreram. Exemplo claro dessa mudança foi a reação do público diante uma cena do filme **Chuvas de Verão** (1977), de Cacá Diegues, em que a cena de nudez entre os atores idosos gerou um grande impacto no público.

Debert aborda justamente este momento, em que o idoso começa a ganhar uma maior visibilidade:

A antropóloga Guita Grin Debert destaca que o tema envelhecimento/velhice só começou a ganhar destaque no final do século passado. “A última década assistiu à transformação da velhice em um tema privilegiado, quando se pensa nos desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea”. Isso porque esta parcela da população está a cada dia mais representativa numericamente. (DEBERT 2003, apud GOMES; MENDONÇA, 2011, p. 3)

Os programas de apoio aos idosos têm uma grande importância no processo de ressignificação da imagem da população da terceira idade, fato que altera os estereótipos e a forma marginalizada de representá-los.

No Brasil, o **Estatuto do Idoso** tem papel fundamental neste processo. A lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 assegura os direitos das pessoas com 60 anos ou mais. Antes marginalizados, hoje os idosos conquistam diversos direitos em várias áreas; um exemplo é o capítulo V do Estatuto, que assegura a educação, cultura, esporte e lazer.

O **Viaja mais Melhor Idade** é um outro exemplo desta inserção do idoso na sociedade. O programa desenvolvido pelo Ministério do Turismo em 2007 incentiva a inclusão social do idoso, visando estimular os brasileiros com 60 anos ou mais a viajar pelo país.

É por meio de políticas públicas, como o **Viaja mais Melhor Idade**, e do **Estatuto do Idoso**, que novas experiências são possibilitadas aos velhos. Pode-se observar, no artigo **A vida adulta e a velhice no cinema**, os benefícios que esses “grupos de convivência” trazem para a vida da população da melhor idade. Segundo Debert, “neles são encorajadas a busca da auto-expressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude.” (2005, p. 29)

No cinema, **Cocoon** ganha uma nova significação por meio do olhar de Guita Grin Debert, que reflete sobre os benefícios de programas voltados para os velhos. “O fortalecimento dos velhos em *Cocoon* está em sintonia com as representações da velhice gratificante, vibrante e produtiva, que ganha expressão nos programas para a terceira idade.” (DEBERT, 2005, p. 29)

Aproveitando as mudanças de paradigmas e abordando o novo idoso, o cinema, que faz parte da indústria cultural, abre espaço para essa velhice bem-sucedida e retrata um envelhecimento de forma positiva.

2 Cinema

Os filmes são as janelas para o mundo. Eles nos permitem desvendar outras mentes – não simplesmente pela identificação com os personagens, embora isto seja uma parte muito importante, mas por nos oferecerem a oportunidade de ver o mundo como as outras pessoas veem. (EBERT, 2004, p. 11)

O cinema surgiu sem causar grandes expectativas. Lumière, considerado um de seus inventores, recebeu de George Méliès, que trabalhava com teatro e mágicas, muitas críticas sobre o novo invento. George afirmava que “[...] o ‘*cinématographe*’ não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas.” (BERNARDET, 2000, p.11).

Em 1895, na primeira exibição pública de cinema, diversos filmes de curta duração, em preto e branco, mudos e com a câmara parada foram exibidos. O livro **O que é cinema**, Jean-Claude Bernardet, oferece diversos detalhes sobre este dia e, em especial, sobre um filme. A imagem de uma locomotiva em movimento, que dava a ideia de estar indo em direção à plateia, gerou um verdadeiro pânico.

A reação dos espectadores se deve à ilusão que as imagens em movimentos causam. É justamente nessa ilusão que se está a novidade:

Ver o trem na tela como se fosse verdadeiro. Parece tão verdadeiro – embora a gente saiba que é de mentira – que dá para fazer de conta, enquanto dura o filme, pensamos que é de verdade. Essa ilusão de verdade, que se chama impressão de realidade, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema. (BERNARDET, 2000, p.12)

É por meio do cinema que temos a chance de enxergar além e, conseqüentemente, diferentes realidades. Tendo um importante papel social, os filmes são um palanque fundamental para que possamos visualizar as transformações que acontecem na sociedade.

Desde o seu surgimento, a impressão da realidade que os filmes reproduzem chama a atenção do público e pode provocar mudanças na forma como a sociedade enxerga o cotidiano. “Um filme pode [...] nos mostrar a possibilidade de um mundo novo e estranho, mas que estaria próximo de nós, dando à realidade e à vida cotidiana outro sentido [...]” (BOARETTO, 2005, p. 45).

Edgar Morin também aborda em suas obras este fato. Para o autor o cinema provoca um “[...] encantamento da imagem, ou seja, renova ou exalta a visão das coisas banais e quotidianas.” (1958, p. 115)

No entanto, Walter Benjamim não considerava o cinema como uma obra de arte e tampouco tinha uma visão otimista sobre essa nova linguagem:

Comentando a transposição cinematográfica, por Reinhardt, do *Sonho de uma noite de verão*, Werfel observa que é a tendência estéril de copiar o mundo exterior, com suas ruas, interiores, estações, restaurantes, automóveis e praças, que têm impedido o cinema incorporar-se ao domínio da arte. (BENJAMIM, 1969, p. 177)

O cinema tornou-se uma mercadoria por meio da reprodução de cópias e a impressão de reproduzir a realidade, tornando-se uma poderosa arma de dominação. Para conseguir tal finalidade, a linguagem cinematográfica foi desenvolvida, com o intuito de conquistar o público.

Fruto da industrialização, a indústria cultural não desperta em quem a consome um senso crítico, podendo ser considerado um “produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa.” (COELHO, 2006, p. 11)

Com um ponto de vista diferente, Jean-Claude Bernardet também aborda o avanço da possibilidade de serem feitas cópias das películas. Segundo autor o fato fez com que o cinema se tornasse uma arte dominante, ampliando seu poder de alcance. “Este fenômeno permite que o mesmo produto - o filme – seja apresentado simultaneamente numa quantidade em princípio ilimitada de lugares para um público ilimitado.” (BERNARDET, 2000, p. 23)

Porém, esse cenário sofreu modificações com o passar do tempo, e Teixeira Coelho enumera duas funções que a indústria cultural possui. Primeiro, ao citar Umberto Eco, que enxerga o conceito aqui analisado como “um estado avançado de ‘barbárie cultural’ capaz de produzir ou acelerar a degradação do homem – essa função seria a alienação.” (s.d. apud COELHO, 2006, p. 27).

A segunda função da indústria cultural seria “a revelação, para o homem, das significações suas e do mundo que o cerca [...]” (COELHO, 2006, p. 28). Trazendo essa revelação, citada acima, para o centro do debate apresentado neste trabalho, pode-se considerar que a nova forma com que a velhice vem sendo retratada pela indústria cinematográfica representa, justamente, as mudanças que aconteceram na sociedade e que são refletidas nas telas do cinema.

No século XXI o idoso ganhou um espaço que o representa de forma positiva, sendo proativo em sua vida, em busca de independência e liberdade, disposto a viver novas experiências e novos amores, deixando de lado as imagens antiquadas

que os cercavam, surgindo, desta forma, uma cultura própria da terceira idade e uma nova área de atuação cultural.

Analisando os novos filmes produzidos, pode-se afirmar que, de certa forma, a indústria cultural tem sido reveladora, por representar nos filmes as modificações que a imagem do idoso vem sofrendo com o passar dos anos. Por mais que tais mudanças não representem 100% dos idosos, não há como ignorar o fenômeno em crescimento.

2.1 Estudos Culturais

Os estudos culturais surgiram na década de 1950 e, com seu desenvolvimento, ofereceram uma importante visão sobre os meios de comunicação de massa. (DALMONTE, 2002; SANTOS, 2013)

Foi um estudo sobre o consumo cultural da classe operária inglesa que deu o ponta pé inicial para o desenvolvimento e aprofundamento sobre o estudo em relação à interação entre a sociedade e a mídia.

Deste modo, acredita-se que os fatores culturais influenciam o posicionamento do indivíduo diante dos produtos da cultura de massa. (DALMONTE, 2002)

[...] a diversidade cultural é responsável por distintas formas de apropriação e consumo da produção massiva. É exatamente aí que reside o ponto central da tese culturalista: verificar como se dá a apropriação do discurso difundido pelas mídias. (DALMONTE, 2002, p. 68)

Raymond Williams aborda em sua obra um tema importante para as discussões sobre a teoria cultural. “Quais são, então, as implicações dessa análise geral para o estudo de determinadas obras de arte?” (WILLIAMS, 2005, p. 222)

É justamente nesse ponto que este trabalho vai se concentrar e utilizará como base a perspectiva de Raymond Williams (2005). O autor ressalta em sua obra o fato de que, para se compreender a cultura dominante, é necessário conhecer o processo social no qual ela está inserida. Abordando as relações entre a sociedade e campos culturais, como literatura e teatro, por exemplo, o autor afirma que nenhuma sociedade “ [...] pode ser totalmente analisada sem que se inclua cada uma de suas práticas.” (WILLIAMS, 2005, p. 221)

Portanto, observa-se a importância que a cultura exerce dentro da formação de sociedades, oferecendo uma vasta possibilidade de significados e valores.

Voltando ao questionamento central que Williams fez sobre as análises para o estudo de determinadas obras de arte, o autor afirma que não existe um método com que se possa analisar os produtos culturais. (SANTOS, 2013)

Trata-se de fato de uma atividade e de uma prática, e suas formas somente são acessíveis por meio da percepção e da interpretação ativas, embora algumas artes possam ter a característica de um objeto singular. Isso faz com que as notações, em artes como o drama, a literatura e a música, sejam apenas um exemplo específico de uma verdade muito mais abrangente. O que isso demonstra é que devemos, na prática da análise, romper com o procedimento habitual de isolar o objeto e então descobrir seus componentes. (WILLIAMS 2005, apud SANTOS, 2013, p. 61)

Ainda em relação a análises de produções culturais e focando no cinema, podemos observar também que é necessário buscar sua origem para podermos compreender seus significados:

Para uma análise de produções culturais, é preciso investigar sua origem, para reconhecer experiências, sentimentos, representações e imaginários em determinada sociedade. Para os culturalistas, as obras de arte, ou produções culturais, como o cinema, são vistas como produção coletiva, de determinados tempo, local e cultura. (SANTOS, 2013, p. 60)

Observa-se que muito do que foi citado aqui vai ao encontro do que Martine Joly fala em seus estudos sobre a análise da imagem. A autora afirma que toda imagem é uma representação, envolvendo uma convenção sociocultural para sua construção, além do papel histórico que também ocupa o seu espaço. (JOLY, 2000)

Assim como Benjamin, que afirma que se deve levar em consideração o contexto em que a película é produzida e não o isolar, pois o filme é fruto do contexto social. (s.d. apud NAGIB, 2005, p. 16)

Desta forma, pode-se comparar as ideias de Joly e Benjamin com o trabalho de Williams, que também aborda o papel social dentro das construções de significados e valores. “[...] nós só podemos entender uma cultura dominante e efetiva se entendermos o processo social do qual ela depende: o processo de incorporação.” (WILLIAMS, 2005, p. 217)

2.2 A velhice na tela

Por muitos anos a velhice não foi um tema muito abordado na indústria cinematográfica e, é importante frisar, quando era abordada, apresentava uma multiplicidade de imagens que variavam de acordo com o país em que era retratada. (NAGIB s.d., apud DIAS, 2005)

Susana Oliveira Dias aborda essa diferença no livro **Cinema, velhice e cultura**. “Os filmes norte-americanos, por exemplo, têm como marca o ‘fazer chorar’, o apelo ao humanismo. Eles são bastante moralistas e antieróticos por excelência.” (NAGIB s.d., apud DIAS, 2005, p. 16)

Sobre os filmes japoneses, a autora cita Milton Almeida: “O velho é tratado com uma super reverência, algo quase moral e você não encontra um velho muito degradado [...]” (ALMEIDA s.d., apud DIAS, 2005, p. 16).

É importante chamar atenção para esta questão, afinal os idosos não representam um grupo homogêneo e sua representação pode sofrer modificações de acordo com a cultura em que está inserida.

A questão da sexualidade também é um ponto importante a ser tratado. Como já foi citado neste trabalho, o idoso foi, por muitos anos, representado como ser assexuado ou, como Dias traz à tona por meio da citação de Lúcia Nagib. “Um filme que mostra um velho que faz sexo, por exemplo, vai ter que matá-lo no final.” (NAGIB s.d., apud DIAS, 2005, p. 17)

Exemplo desta tendência é o filme **Deuses e monstros** (1998), que retrata a vida do diretor de cinema James Whale. O longa-metragem norte-americano aborda a homossexualidade do personagem, a solidão e seu estado de saúde depois de ter sofrido um derrame. No filme, o diretor se suicida e deixa um bilhete dizendo que na velhice a vida se tornou muito difícil. (DIAS, 2005, p. 17)

Diante do peso com que o idoso é retratado no filme citado acima, a autora afirma que “filmes como este se tornam intoleráveis para grande parte da sociedade, ocupando, quase sempre, um espaço marginal na produção cinematográfica.” (DIAS, 2005, p. 17)

Outro filme que se pode citar é o **A cruz dos anos** (1937), de Leo McCarey. A película norte-americana retrata a história do casal de idosos Bark (Victor Moore) e Lucy Cooper (Beulah Bondi), que passam por um colapso financeiro e perdem a casa onde viviam. Com isto, vão morar com os filhos, que não os respeitam e separam o casal, fazendo com que cada um viva na casa de um filho diferente.

Apesar de tentarem driblar a separação ao fazerem planos para uma futura lua de mel, o casal perde a autoestima e se depara com a possibilidade de irem para uma casa de repouso, mas separados, já que um iria para Nova Iorque e outro para Califórnia.

A forma como o casal é retratado no filme demonstra que os idosos eram vistos como um estorvo para a família, desrespeitando-os e não levando em consideração seus sentimentos e vontades.

Em contraponto, no Brasil de 1977 temos o filme **Chuvas de Verão**, de Cacá Diegues, que possui um grande peso ao representar um casal de idosos que sentem desejo um pelo outro. (GUSMÃO, 2005)

Representações assim abrem espaço para que o idoso possa ser enxergado de outra forma, afastando os estereótipos que o cercam. Na última década, com o aumento da população idosa, o surgimento de políticas públicas que incentivam os cidadãos da terceira idade para que tenham mais autonomia e aproveitem a vida tem fornecido a esta fatia da população um novo perfil, que vem sendo representado no cinema.

Essa flexibilização e essa revolução dos parâmetros anteriores do que seriam os comportamentos adequados e direitos e deveres próprios a cada faixa etária são, contudo, acompanhadas das transformações das idades num laço simbólico privilegiado para a constituição de atores políticos e redefinições de mercado de consumo. (DEBERT, 2005, p. 32)

Dando um pulo temporal, o filme **Garotas do calendário** (2003), co-produção entre os Estados Unidos e o Reino Unido, retrata a história real de Chris (Helen Mirren) e Annie (Julie Walters), moradoras de uma pequena cidade inglesa. Depois que o marido de uma das amigas morre, elas resolvem se juntar e entrar no grupo *Women's Institute*, que visa ajudar um hospital por meio de uma campanha para arrecadar verbas. O projeto consistia em um calendário, em que cada integrante do grupo estamparia um mês diferente, porém as fotos retratam as senhoras completamente nuas.⁴

O projeto ousado desperta diversas reações, tanto nas idosas integrantes do projeto como nos familiares e nos moradores da cidade. E faz com que diversas questões sejam explicitadas, como a relação que elas possuíam com seus corpos.

Outro longa-metragem é o **Um divã para dois** (2012). Do diretor David Frankel, o filme norte-americano retrata o relacionamento de Kay (Meryl Streep) e Arnold Soames (Tommy Lee Jones). Depois de 30 anos de casamento, o casal segue uma rotina rígida e perde todo o romantismo e intimidade.⁵

⁴ Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-33926/>. Acesso em: 19 maio.2013.

⁵ Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-185999/>. Acesso em: 10 maio.2013.

Porém, Kay, incomodada com a situação de seu casamento, se mostra proativa e sugere para o marido uma terapia de casal com um guru no assunto, o Dr. Feld, interpretado por Steve Carell.

Juntos Kay e Arnold enfrentam diversas dificuldades e mergulham em uma experiência para salvar o casamento e a cumplicidade que foi perdida com o passar do tempo. Com atuações emocionantes, podemos enxergar que barreiras são quebradas em relação ao imaginário ao redor dos idosos, já que o filme retrata o casal em busca da sexualidade e de um novo recomeço para o longo casamento.

2.3 O imaginário em torno do idoso e no cinema

Como se pode observar no capítulo anterior e no início deste, a imagem ou imaginário em torno das pessoas da terceira idade foi cercado de ideias negativas e estereotipadas. Porém, com as mudanças já abordadas, os imaginários foram e estão sendo modificados e a segregação estaria sendo revista.

Segundo Michel Maffesoli, “o imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental [...]” (2001, p. 75). E completa, “o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo.” (2001, p. 76)

Porém, o conjunto de imaginários e o silêncio em torno da velhice vêm sendo quebrados por meio do cinema, ou como Maffesoli denomina “tecnologias da comunicação”:

O imaginário é alimentado por tecnologias. [...] Não é por acaso que o termo imaginário encontra tanta repercussão neste momento histórico de intenso desenvolvimento tecnológico, ainda mais nas tecnologias de comunicação, pois o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação. (MAFFESOLI, 2001, p. 80)

É por meio das “tecnologias da comunicação” que se observa uma maior quantidade de filmes produzidos que abordam a temática da terceira idade de forma positiva, refletindo as mudanças que a sociedade sofreu.

Como Edgar Morin, precursor dos estudos dos imaginários no cinema, aborda em sua obra: “O mundo se reflete no espelho do cinema. O cinema nos traz o reflexo, não só o do mundo, mas do espírito humano” (MORIN 1956, apud SANTOS, 2013, p. 46)

Morin também afirma que o imaginário reflete as necessidades do homem. “O imaginário estético é, como todo o imaginário, o reino das necessidades e aspirações do homem, encartadas e situadas estas no quadro de uma ficção.” (1958, p. 121)

Há diversos filmes que refletem esta mudança e podem ser citados, um exemplo é **Copacabana** (2001), de Carla Camurati. No longa-metragem brasileiro, a morte e a velhice são retratadas de forma bem humorada pela diretora.

O filme começa com o velório de Alberto, e toda a narrativa é desenvolvida a partir do seu ponto de vista. Memórias, do dia de seu nascimento ao seu aniversário de 90 anos, são expostas ao telespectador, entre diversas outras histórias que encontram a de Alberto e também são contadas.⁶

O local onde se passa o filme, o bairro de Copacabana, também é muito representativo, já que é considerado um dos bairros em que habitam mais idosos no Brasil.⁷

Indo na contra mão ao não reproduzir o culto da juventude, o filme retrata um grupo de idosos, composto por um grande elenco, e não retrata a terceira idade de forma negativa, pelo contrário. E ao fazerem uma festa surpresa para Alberto, os amigos mostram que nunca é tarde para se comemorar mais um ano de vida.

Outro exemplo é o filme **Alguém tem que ceder** (2004), de Nancy Meyers. Na comédia norte-americana, Jack Nicholson vive Harry Sanborn, um executivo com mais de 60 anos, que trabalha no ramo da música e namora Marin, interpretada por Amanda Peet, muitos anos mais jovem.

Quando Harry Sanborn conhece Erica, interpretada por Diane Keaton, que também possui mais de 60 anos, a história dá uma reviravolta e questões de gêneros e relacionamentos amorosos são abordados, enquanto Erica e Harry lidam com a atração que sentem um pelo outro.

Guita Grin Debert aborda o filme citado acima e os novos significados que vem intrincados em seu enredo.

[...] *Alguém tem que ceder* uma deliciosa comédia, em que os personagens vivenciam uma etapa entre a vida adulta e a velhice. “Meia idade, “terceira idade”, “aposentadoria ativa” são categorias criadas para denominar essas novas etapas e produzir novos estilos de vida e o consumo de bens de serviço a elas relacionadas. (DEBERT, 2005, p. 35)

⁶ Disponível em <http://www.cineclick.com.br/criticas/ficha/filme/copacabana-2001/id/334>. Acesso em: 20.abril.2013. Acesso em 20 abr.2013.

⁷ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,copacabana-e-o-bairro-com-maior-numero-de-idosos-do-pais-diz-censo,739329,0.htm>. Acesso em: 16 maio.2013.

O longa-metragem **O exótico hotel Marigold** (2011), de John Madden, também pode ser citado. A película do Reino Unido retrata a aventura vivida pelos idosos Muriel (Maggie Smith), Douglas (Bill Nighy), Evelyn (Judi Dench), Graham (Tom Wilkinson) e mais três amigos, que viajam para Índia para aproveitar a aposentadoria. Porém, ao chegarem ao hotel, eles descobrem que as coisas não eram exatamente como eles esperavam e cada um reage à situação de uma forma diferente, buscando a independência, lembrando antigos amores e vivendo novos.⁸

Abordando de uma maneira mais pessimista a velhice, o filme **Amor** (2012), de Michael Haneke, co-produção entre França, Alemanha e Áustria, também merece destaque. Ao retratar o casal de idosos Georges (Jean-Louis Trintignant) e Anne (Emmanuelle Riva) e a luta que enfrentam depois que Anne sofre um derrame, pode-se enxergar a busca deles por autonomia e independência, tomando suas próprias decisões, mesmo que sejam dramáticas.

Com as exemplificações, pode-se observar que os filmes citados apresentam em seus enredos um novo imaginário em torno do idoso, fato que é refletido na indústria cinematográfica.

⁸Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt1412386/>. Acesso em: 10 maio.2013.

3 Análise dos filmes

Neste capítulo os que vão ser analisados são: **O outro lado da rua** (2004), **Toda forma de amor** (2010) e **E se vivêssemos todos juntos?** (2011).

Os longa-metragens foram escolhidos de acordo com os seguintes critérios:

- As três películas foram produzidas no século XXI;
- Todos são do gênero ficção;
- Possuem diferentes nacionalidades. **O outro lado da rua** é brasileiro, **Toda forma de amor** é norte-americano e o **E se vivêssemos todos juntos?** é francês com coprodução na Alemanha;
- Apresentam uma nova identidade do velho e, conseqüentemente, da velhice.

Os temas a serem abordados e observados em todos os filmes para efetivar a análise são relacionados à sexualidade e relacionamentos amorosos, independência, relação com familiares e cuidados pessoais/ vaidade.

A análise será descritiva e vai abordar as cenas cuja presença dos temas citados acima tem destaque. O comportamento dos personagens, diálogos que possam ilustrar e aspectos técnicos, como movimento de câmara e cores presentes nas cenas, serão apresentados no decorrer da análise de cada filme.

3.1 O outro lado da rua

Diretor: Marcos Bernstein

Elenco: Fernanda Montenegro, Raul Cortez, Laura Cardoso, Luiz Carlos Persy, entre outros

Roteiro: Marcos Bernstein e Melanie Dimantas

Fotografia: Toca Seabra

Trilha Sonora: Guilherme Bernstein Seixas

Produção: Katia Machado

Ano de lançamento: 2004

Nacionalidade: Brasil

Gênero: Drama⁹

⁹Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0402417/>. Acesso em: 17 abr.2013.

A película conta a história de Regina (Fernanda Montenegro), uma mulher de 65 anos, moradora do bairro de Copacabana e que possui uma vida solitária. Em busca de contato humano, ela ingressa em um serviço da polícia em que aposentados denunciam pequenos crimes.

Durante uma noite, entediada, Regina usa seus binóculos para ver os apartamentos do prédio em frente ao seu e visualiza o que parecia ser um homem matando sua esposa com uma injeção letal.

Espantada, chama a polícia, mas o óbito é dado como morte natural. Por não acreditar no laudo, Regina resolve investigar por conta própria o suposto crime e acaba se envolvendo com o suspeito, que se chama Camargo (Raul Cortez), um juiz aposentado.

Podemos observar que Regina possui uma relação conflituosa com seu único filho por causa do fato dele cuidar de seu pai, ex-marido de Regina. Em seu apartamento, toda a sua solidão transparece. A única companhia que possui é a de sua cachorra, Betina, e as cores predominantes de sua casa são o branco e azul. O silêncio é uma característica muito presente nas cenas passadas dentro da casa de Regina. É importante frisar também que a vida de Regina acontece fora de sua casa.

¹⁰ Também pode-se ressaltar que ela é completamente independente.

¹⁰ Extras do DVD **O outro lado da rua**

Figura 1: O outro lado da rua



Fonte: <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-19493/fotos/detalhe/?cmediafile=18824704>

No serviço da polícia seu codinome é Branca de neve. O clássico dos irmãos Grimm conta a história de uma jovem que cai em um sono profundo após comer uma maçã envenenada e a única solução para acordar é receber um beijo. No decorrer da análise iremos fazer um paralelo do conto com a história apresentada no filme.¹¹

A relação de Regina com o delegado, Dr. Alcides (Luiz Carlos Persy), é delicada. Quando ela o encontra depois de denunciar o possível crime, ele demonstra que está insatisfeito com o programa que conta com a ajuda dos idosos.

Dr. Alcides: Olha, Dona Regina, eu tenho mais o que fazer! Não fui eu que inventei essa porcaria de serviço de terceira idade. Por favor.

Regina: Por favor? Que história é essa de por favor? Tá pensando o quê? Que eu sou apenas dedo-duro? E velha ainda por cima? Não sou não. Você sabe, eu só entrego, eu só cuido de quem merece o carinho de vocês.

Dr. Alcides: Olha o que a senhora tá falando!

Regina: Idiota que eu sou. Esqueci que o carinho da polícia é só para pé-de-chinelo.

Dr. Alcides: Vamos trocar de lugar. Senta, pode sentar. Assume. A senhora é um problema... Por favor, com licença.

¹¹ Santos (2013) também traça um paralelo das atitudes de Regina com o conto de fadas de Branca de Neve.

Regina: Você está se excedendo, meu filho. Está se excedendo hein, menino. Esse serviço nem é pago.

Dr. Alcides: Quem se excede é a senhora. Só falta agora subir o morro e dar bolsada em traficante.

Regina: Se você tiver um colete à prova de bala eu subo. Juro que subo.

Dr. Alcides: A senhora não tá levando a sério.

Regina: Claro que estou. Esse cara foi o bam-bam-bam no governo, a investigação vai parar. É mais fácil dizer eu estou esclerosada, que eu tenho catarata e que eu não vi o que eu vi. [...]

Dr. Alcides: [...] E não me ligue nunca mais.

Regina: Você não pode fazer isso com o serviço, nem comigo. Não pode. Só tem velho cego, de bengala e idiota. Eu ainda ando. Eu até corro.

Dr. Alcides: Então aproveita o seu tempo vago e vai correr na praia. Esquece o serviço e vai cuidar da sua vida.

(O outro lado da rua, 2004, 00:19:05 - 00:20:54)

Na última fala do delegado, a câmera dá um *close-up* no rosto de Regina, que está com os olhos marejados.

O diálogo demonstra, de um lado, a visão do delegado, que não aguenta mais o serviço e trata com ironia a velhice de Regina. E do outro, Regina, que luta para continuar no serviço, pois é por meio dele que ela busca e mantém o contato humano. Mas em outros momentos ela também trata com um certo desprezo a condição de alguns idosos, demonstrando que ela não se enxerga parte deste grupo.

Ao mostrar a discriminação que sofre, pode-se verificar o importante papel que o cinema possui neste processo.

O cinema, quando coloca em ênfase na crítica aos estereótipos e discriminações, torna mais complexos nossos sentimentos e nossas percepção das outras forma de exclusão além daquelas dadas pela desigualdade econômica. (DEBERT, 2005, p. 42)

Pode-se enxergar o fato de Regina não se sentir parte do grupo os idosos na cena seguinte. A câmera dá um *close-up* em alguns idosos que estão jogando dominó em uma praça ao ar livre. Em seguida, o ângulo visual da câmera é aberto e podemos enxergar diversos idosos na praça, entre eles Regina.

Enquanto permanece na praça, uma senhora puxa assunto. Se apresenta com o codinome que utiliza no serviço, Patolina (Laura Cardoso) e fala que já a viu na delegacia. As duas iniciam um diálogo, e Regina fala como se sente:

Regina: Eu fui dispensada do serviço.

Patolina: Por quê?

Regina: Vejo coisas demais... É isso. Eu acho que eu ainda me vejo de um jeito que ninguém mais me vê. Eu me vejo como eu sempre fui, entende?

Patolina: Sei. Pois eu só me vejo velha.

Regina: Sorte sua.

(O outro lado da rua, 2004, 00:22:59 - 00:23:37)

Em seguida Patolina fala que o serviço que os idosos prestam não vai mudar em nada a realidade do bairro, e Regina discorda categoricamente.

Patolina: Muda nada. É só para se ocupar.

Regina: Se é para se ocupar então é melhor ficar aí sentada numa mesa esperando a morte chegar, jogando purrinha, dama, dominó, fazendo isso aqui.

(O outro lado da rua, 2004, 00:23:36 - 00:23:47)

O diálogo das duas apresenta as duas maneiras de se enxergar a velhice, dois pontos de vistas diferentes. Regina, que não se contenta com pouco, quer se ocupar, mudar a realidade. E Patolina, que se enxerga como velha e opta por fazer crochê na praça com os outros idosos, representa uma visão tradicional da velhice.

Outra cena que merece destaque é a citada a seguir, que reflete a sua solidão. Quando está no banco, Regina percebe que um rapaz vai assaltar uma idosa que acaba de fazer um saque e consegue impedir o ato avisando um segurança.

Ela fica muito nervosa, tenta falar com as pessoas que passam pela rua, mas ninguém lhe dá atenção. Em seguida pega o celular e começa a falar, contando tudo que acabou de acontecer, dando a impressão que está falando alguém, porém ela está deixando um recado no telefone de sua casa.

A câmara dá um *close-up* no rosto de Regina, que observa ao seu redor. A rua que estava lotada e barulhenta fica completamente deserta. Regina vai caminhando pela rua e a câmara abre o plano, fazendo com que a gente veja a imagem de Regina sozinha no meio da rua.

Figura 2: O outro lado da rua



Fonte: http://www.caminhodasletras.com.br/novo_site/FILMES/outro_lado_da_rua.asp

Em seguida, o barulho de buzinas dos carros e a rua repleta de pessoas aparecem novamente.

A relação de Camargo e Regina evolui por causa da vontade que ela possui em investigá-lo. Antes de sair para o primeiro encontro, ela se arruma, passa batom, está com a unha pintada de vermelho e mostra que continua vaidosa. Quando termina de passar o batom dá um beijo no espelho, sinal de reverência a si próprio.

O segundo encontro de Camargo e Regina é durante um almoço na casa do juiz aposentado, e ela se mostra audaciosa ao querer entrar no apartamento de Camargo para poder investigar, colocando à frente de tudo a sua vontade em fazer justiça e a busca por adrenalina.

A terceira vez que eles saem é para ir a uma boate, por sugestão de Regina, que parece estar sempre aberta ao novo. Assustado com o ambiente, Camargo pergunta:

Camargo: Tem certeza que é aqui?

Regina: As poucas vezes que eu passei pela porta, sempre me pareceu muito animado.

Camargo: Eles são muito animados mesmo.

Regina: Prefere o baile da terceira idade?

Camargo: Tá bom, eu fico. Mas por via das dúvidas eu prefiro ficar sentado.

Regina: Eu achei que a gente devia fazer alguma coisa diferente.

(O outro lado da rua, 2004, 1:02:38 - 1:02:58)

Regina parece estar se divertindo muito com a situação e com o desconforto de Camargo. Ao deixarem a boate, os dois são surpreendidos com um tiroteio. Ao fugirem para um local mais seguro, Camargo beija Regina, que retribui e brinca.

Regina: Assim a gente vai acabar numa UTI.

Camargo: Por mim, tá tudo bem.

(O outro lado da rua, 2004, 1:07:48 - 1:07:51)

Figura 3: O outro lado da rua



Fonte: <http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2012/10/15/fernanda-montenegro---trajetoria-da-dama-do-teatro.htm#fotoNav=40>

Tudo avança de acordo com a vontade que Regina tem de descobrir mais sobre o assunto e o juiz. E ela aceita viajar com o juiz para sua casa em Itaipava.

Ao informar ao delegado do fato ele diz:

Dr. Alcides: A senhora me assusta.

Regina: Você acha que depois de velho a gente volta a ser virgem? Não.

Dr. Alcides: Eu prefiro pensar assim.

(O outro lado da rua, 2004, 1:09:36 - 1:09:42)

A fala evidencia o ponto de vista conservador que o delegado tem em relação à sexualidade na terceira idade.

Na cena seguinte, enquanto ela toma sorvete com o neto, conta a história da “Super- Vó”, como ela mesma define, e conta as suas aventuras no serviço. O menino observa a avó, admirado. Aqui podemos observar que a idosa ganha ares de heroína, deixando para trás a imagem tradicional do idoso que fica em casa na frente da tevê.

Ao chegar a Itaipava, Regina se demonstra insegura em relação ao seu corpo em um diálogo com Camargo.

Regina: Como é que eu vou tirar essa roupa, meu deus?

Camargo: Eu tiro.

(O outro lado da rua, 2004, 1:12:57 - 1:12:59)

Porém, apesar de insegura em um segundo momento o casal vai para um motel. A cena não mostra o corpo dos dois nus revela o pudor que Regina possui com o corpo.

Depois de seu envolvimento com Camargo, Regina se sente mais confiante. Fato que é refletido na sua relação com seu filho, já que eles fazem as pazes.

O filme retrata o idoso que, ao invés de ficar acomodado em sua rotina ou simplesmente aproveitar a tranquilidade que a aposentadoria pode oferecer, busca adrenalina, aventuras. E com a entrada de Camargo em sua vida, surgindo a oportunidade de se envolver em um relacionamento amoroso, Regina se redescobre como mulher, como remete a história da Branca de neve, seu codinome.¹²

Porém, deve-se ressaltar que Regina não tem a postura passiva que a personagem do conto de fadas possui. Antes de Camargo entrar em sua vida, ela já era ativa e, como já foi citado, buscava aventuras em sua vida. Portanto, o relacionamento deles foi uma conquista para Regina e fez com que ela tivesse uma percepção mais positiva de si mesma.

3.2 Toda forma de amor

Título original: *Beginners*

¹² Santos (2013) compartilha de uma visão similar em sua dissertação ao traçar um paralelo entre a história do filme com o conto de fadas.

Diretor: Mike Mills

Elenco: Ewan McGregor , Christopher Plummer , Mélanie Laurent, entre outros

Nacionalidade: EUA

Roteiro: Mike Mills

Fotografia: Kasper Tuxen

Trilha Sonora: Roger Neill, Dave Palmer e Brian Reitzell

Produção: Miranda de Pencier, Lars Knudsen, Leslie Urdang, Jay Van Hoy e Dean Vanech

Ano de lançamento: 2010

Gênero: Comédia Dramática¹³

No elenco, Christopher Plummer vive Hal e brilha em uma atuação comovente. Ao seu lado, Ewan McGregor vive Oliver, filho de Hal, e Mélanie Laurent vive Anna, uma jovem atriz que conhece Oliver em uma festa.

Ganhador de um Globo de Ouro (2012) de Melhor ator coadjuvante e de um Oscar (2012), na mesma categoria, Christopher Plummer dá vida a Hal, um homem de 75 anos que, após perder sua esposa depois de 44 anos de casamento, resolve assumir para seu filho que é homossexual.

A história de Hal, suas vivências e descobertas são apresentadas para o telespectador pelo ponto de vista de Oliver, que o retrata em seu novo momento na vida de uma forma sensível e delicada.

Oliver é solitário e depois da morte de seu pai se fecha em seu mundo, acentuando sua introspecção.

A película não possui um roteiro linear e utiliza *flashbacks* e narrações em *off*, intercalando o tempo presente, em que Oliver conhece Anna.

Na cena em que Hal assume para Oliver que é gay, o telespectador é encarado por Hal, que está sentado no sofá. Com este enquadramento, nós temos a sensação de que estamos fazendo parte da conversa dos dois e enxergamos Hal do mesmo local onde Oliver está sentado.

Hal: Eu sou gay. Eu amava sua mãe, mas agora eu quero explorar este lado.

Hal: Não quero ser gay só teoricamente. Quero fazer algo a respeito.

(Toda forma de amor, 2010, 00:05:01 – 00:05:12)

¹³ Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt1532503/>. Acesso em: 17 maio.2013.

A cena é repetida de diversas maneiras, com as mesmas falas mas com modificações nas roupas de Hal e na entonação que ele fala algumas palavras. Tal feito tem o intuito de frisar sua vontade de assumir sua sexualidade de diferentes perspectivas.

Em seguida, Oliver narra as transformações que Hal passa depois de se assumir homossexual. Primeiro fala que ele mudou todo o guarda-roupa. Enquanto Oliver narra pode-se enxergar as mudanças por meio da cena em que Hal aparece no centro da sala de sua casa, por meio de um plano americano o vemos com suas roupas velhas e antiquadas e, em seguida, com suas roupas novas, que são mais modernas e elegantes, traduzindo as mudanças que estava passando interiormente.

Em um segundo momento, Oliver fala sobre o novo namorado de Hal, chamado Andy (Goran Višnjić). Ele é preparador físico que estuda para obter uma licença pirotécnica e chama a atenção por ser muitos anos mais jovem que Hal.

Podemos observar que a relação dos dois é de muito carinho um com o outro. Andy mostra o cuidado que tinha com o relacionamento durante todo o filme com as visitas ao hospital, as flores que ele dava pra Hal, as gravações que ele faz dos shows pirotécnicos dedicados a Hal.

Na cena em que conhecemos Andy já podemos observar Hal na nova fase de sua vida. Ele aparece descontraído confraternizando em um evento ao ar livre, com um casaco cinza, um lenço colorido, que remete ao arco-íris símbolo do respeito gay, ao redor do pescoço.

Figura 4: Toda forma de amor



Fonte: <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-860/fotos/detalhe/?cmediafile=19708771>

Pode-se observar no comportamento sua busca por construir e se sentir inserido em um grupo social que lhe dê suporte e em que ele possa compartilhar o novo momento de sua vida. Prova disto é o padre gay que ele encontra para guiá-lo espiritualmente, um terapeuta e a busca por integrar grupos, como o que passa as noites para assistir filmes, o *Prime Timers* e *Los Angeles Pride*.

Na cena seguinte, Oliver vai para uma festa e, por meio do *flashback*, lembra-se de um diálogo que teve com seu pai. Durante uma madrugada Hal liga para o filho após ter ido, pela primeira vez, a um bar e aparenta estar tão eufórico com a experiência que não se importa em ter acordado Oliver.

A cena começa com Hal já em sua casa contando para o filho sobre a música alta do ambiente, enquanto ele narra os acontecimentos de um novo mundo que foi descoberto, a imagem de Hal no bar aparece, dançando com um sorriso no rosto na pista de dança sob meia luz nos mostra como foi sua noite e o quanto ele estava inserido em um ambiente considerado jovem.

Porém em seguida, Oliver pergunta se o pai conheceu alguém e ele fala:

Hal: Não. Gays jovens não se interessam por gays mais velhos. É fácil para você.

(Toda forma de amor, 2010, 00:17:18 – 00:17:25)

Figura 5: Toda forma de amor



Fonte: <http://www.silverscreenslags.com/2012/02/2012-golden-slag-awards.html>

Sua resposta demonstra que, por mais que ele tente se inserir naquele ambiente e se divirta, ainda há uma fronteira entre o jovem e o idoso no ambiente citado.

Outra fronteira que pode ser observada é a cena em que Oliver se depara com uma revista pornográfica gay do pai. Ele parece um pouco perturbado com o fato que demonstra que Hal se mantinha sexualmente vivo.

Também pode-se observar tal fato quando Hal sugere para o filho colocar um anúncio pessoal para arranjar uma namorada, assim como ele fez. O filho parece espantando com a situação e a possibilidade.

Quando Hal está internado no hospital, muitas cenas importantes acontecem. Entre elas a que Hal recebe a notícia em que seu estado de saúde é grave, aí a relação de carinho e cumplicidade entre pai e filho ganha destaque.

Figura 6: Toda forma de amor



Fonte: <http://media.theiapolis.com/d8-iCDJ-k9-ICZX/christopher-plummer-hal-and-ewan-mcgregor.html>

O quarto do hospital é tomado por cores neutras e frias que são quebradas com as flores presentes na cena e que são praticamente o único ponto de cor. Enquanto a câmera se afasta, podemos ver Hal deitado na cama enquanto Oliver lê uma história para ele, reconfortando-o e mostrando, por um momento, uma inversão de papéis. Enquanto isso, uma música instrumental toca ao fundo, dando a ideia de tristeza.

Outra cena no hospital que merece destaque é a de confraternização com os amigos de Hal, que está deitado na cama, rodeado pelos seus convidados enquanto o filho distribui as bebidas, mas eles são repreendidos pela enfermeira. Sem se inibir, Hal sugere um brinde à assistência médica, mostrando seu bom senso de humor e comportamento festivo, resultado das mudanças que sua vida sofreu.

Oliver: O que você fez com o meu pai? Ele era tão educado.

Hal: Bem eu o convidei, mas ele nunca retorna as minhas ligações.

(Toda forma de amor, 2010, 00:29:26 – 00:29:32)

Em uma das últimas cenas, Oliver mostra a Anna o anúncio pessoal que o pai publicou. Quando ela vê a foto que está junto com o anúncio a primeira frase que fala é:

Anna: Que foto louca.

(Toda forma de amor, 2010, 1:35:51 – 1:37:1)

A reação de Anna reflete o espanto ao ver um idoso que foge dos padrões a que estamos acostumados. Na foto Hal aparece com uma camisa de botão, com três botões desabotoados, mostrando seu peito e com um sorriso no rosto e aparência saudável. Ao fundo da foto, uma árvore com muitas flores aparece desfocada, dando um maior contraste entre as cores presentes na imagem.

O texto do anúncio de Hal é lido por Anna:

Anna: Quero sexo com a esperança que se tranforme em amizade ou um relacionamento. Mas não insisto em monogamia. Sou um idoso de 78 anos, mas sou atraente e tenho tesão. Sou um historiador de arte, atualmente aposentado. Além da arte, eu gosto de casas, jardins, festas e passear com o meu Jack Russell. Tenho 1,80 metro e peso 73kg. Estou em boa forma, cabelos grisalhos olhos azuis e peito peludo. Gosto de dar e receber massagens e passar para carinhos mútuos ousados. Tenho uma bela casa com comida, bebidas, amigos e eu. Se quiser experimentar um cara mais velho, vamos nos encontrar e ver o que acontece.

(Toda forma de amor, 2010, 1:36:01 – 1:36:55)

Ao terminar de ler a carta Anna fala:

Anna: Ele não desistiu.

(Toda forma de amor, 2010, 1:37:01)

Podemos relacionar o fim do filme com o texto **A vida adulta e a velhice no cinema**, de Guita Grin Debert.

Como foi mostrado, a tendência contemporânea é a de se contrapor à representação do envelhecimento como um processo de perdas, promovendo a sua dissolução em vários estágios que passam a ser tratados como novos recomeços, como oportunidades a serem aproveitadas na exploração das identidades. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciam aos mais velhos a oportunidade de adquirir mais conhecimentos e apostar em outros tipos de relacionamentos. (DEBRET, 2005, p. 39)

3.3 E se vivêssemos todos juntos?

Título original: *Et si on vivait tous conjunto*

Diretor: Stéphane Robelin

Elenco: Jane Fonda, Pierre Richard, Geraldine Chaplin, Claude Rich, Guy Bedos, Daniel Brühl, entre outros

Roteiro: Stéphane Robelin

Fotografia: Dominique Colin

Trilha Sonora: Jean-Philippe Verdin

Produção: Christophe Bruncher, Philippe Gompel e Aurélia Grossmann

Ano de lançamento: 2011

Nacionalidade: Alemanha e França

Gênero: Comédia¹⁴

O longa-metragem conta a história de um grupo de amigos que estão juntos há mais 40 anos. Mas quando problemas de saúdes e limitações físicas chegam, Annie (Geraldine Chaplin), Jean (Guy Bedos), Claude (Claude Rich), Albert (Pierre Richard) e Jeanne (Jane Fonda) resolvem viver juntos ao em vez de irem para uma casa de repouso.

Sob o mesmo teto, antigas memórias vêm à tona e novas experiências e perspectivas vem junto com o fato dos cinco amigos viverem juntos aos 75 anos de idade.

Tudo é desencadeado com o ataque cardíaco que Claude tem. Ele é o único sozinho do grupo de amigos, sempre deixa claro que a sexualidade tem um papel importante em sua vida e sai constantemente com prostitutas.

Sobre sua relação com o filho, ele se sente angustiado por ele querer colocá-lo em uma casa de repouso e por ser muito cuidadoso e acaba sufocando Claude ao querer protegê-lo.

Claude: Meu filho é um doce. Mas é tão ansioso que me enche o saco. Depois que a mãe se foi, acha que vou morrer também. Se me levanto ele diz: “Vai sair, papai?”. “Está chovendo! Vai escorregar”.

(E se vivêssemos todos juntos?, 2011, 00:08:30 –00:08:41)

Conta Claude enquanto os amigos estão reunidos para comemorar seu aniversário.

¹⁴Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt1674057/>. Acesso em: 9 maio.2013.

Figura 7: E se vivêssemos todos juntos?



Fonte: <http://fmanha.com.br/blogs/lucianaportinho/2012/10/24/e-se-todos-vivessemos-juntos/>

Os amigos parecem ter um bom padrão de vida. Todos se vestem de forma clássica e, em alguns momentos, mais despojados. Os homens possuem os cabelos brancos, enquanto os das mulheres são pintados, se mostrando mais vaidosas. Outro ponto importante a ser ressaltado é o fato de todos morarem sozinhos, possuem independência.

Quando Jean sugere a ideia dos amigos viverem juntos, Annie e Jeanne parecem espantadas com a proposta.

Annie: Vivemos todos juntos? Ficou maluco? Acha que é um hippie? Não enfie essas coisas na cabeça de Claude. O coitado está tão sozinho.

(E se vivêssemos todos juntos?, 2011, 00:10:12 – 00:10:15)

Jean faz a proposta por se mostrar insatisfeito com a realidade em que vive. Militante atuante, ele se mostra inconformado também com a sociedade, em uma cena ele remete ao consumismo e aos padrões a serem seguidos. Na cena em que ele desabafa, Annie, sua esposa, se demonstra uma mulher sensual.

Ela bebe o resto de bebidas que restam na mesa, solta o cabelo que estava preso em um coque, abre os botões da blusa, em seguida podemos ver o casal tendo uma

relação sexual no sofá da sala da casa deles. Os corpos nus não são mostrados, o ambiente está escuro e a única imagem que conseguimos ver é o contorno do corpo de Annie.

A relação de Annie com a filha também é conflituosa. Depois que ela casou e teve seus filhos, passou a visitar menos a casa da mãe. O fato deixa Annie triste, em determinado momento ela sugere que talvez a filha não goste mais dela.

O outro casal do filme é Jeanne e Albert, que está com Alzheimer e sofre com as constantes crises. Jeanne também não possui saúde plena. Não é revelada qual doença ela possui, mas ela se recusa a fazer a operação sugerida pelo médico.

Albert tem o hábito de registrar tudo em um diário, método que utiliza para se lembrar diariamente dos fatos. Ao descobrir que a mulher está doente, escreve: “Ela tem esse direito.”, o de optar por não operar, revelando a relação de respeito e muita cumplicidade entre o casal.

Com os problemas de saúde, Albert escorrega na rua enquanto passeia com o cachorro, desencadeando uma série de fatos. Entre eles a aparição de sua filha, que entra em conflito com a mãe por impor a decisão de dar o cachorro que o pai tem grande carinho por ele ser de porte grande.

A presença conflituosa que os filhos possuem com os pais no filme faz com que se perceba que, por mais que terceiros tentem interceder na vida do grupo de idosos, eles se mostram descontentes e tomam as rédeas da vida, mostrando que são independentes.

O fato de Albert sofrer o acidente e do avanço do Alzheimer, a doença de Jeanne e o ataque do coração que Claude sofre fazem com que todos se unam e morem juntos.

A cena em que os amigos tiram Claude da casa de repouso é significativa. Inconformados com o local onde o amigo está, tomam a atitude e o tiram escondidos do espaço. Tal ato demonstra, novamente, que eles estão dispostos a cuidarem das próprias vidas.

Figura 8: E se vivêssemos todos juntos?



Fonte: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/blogdecinema/criticas-de-filmes/e-se-vivessemos-todos-juntoscritica-terna-visao-da-terceira-idade/>

O único personagem que ganha espaço na trama e não é do grupo de idosos é Dirk, um alemão que estuda etnologia em Paris. Ele é contratado para passear com o cachorro de Albert e acaba se mudando para a casa dos idosos para poder estudá-los depois que modifica o tema de sua tese. Antes ele iria estudar o estatuto da velhice entre os aborígenes australianos e por causa de dificuldades e por conselho de Jeanne ele adota o tema Os velhos da Europa.

Dirk: Preciso de um novo tema para a minha tese. Algo que eu possa estudar aqui.

Jeanne: Talvez ao invés de estudar os velhos aborígenes você possa estudar os velhos na Europa.

Dirk: Os velhos da Europa?

Jeanne: Sim, o envelhecimento da população, o aumento da expectativa de vida, os problemas da dependência...

(E se vivêssemos todos juntos?, 2011, 00:33:39 – 00:34:00)

Dirk e Jeanne se aproximam e desenvolvem uma grande amizade. Entre as conversas deles podemos destacar os conselhos amorosos e as revelações que Jeanne fazia sobre sexo.

Jeanne: Vai dedicar um capítulo à sexualidade na sua tese?

Dirk: Sim, eu gostaria.

Jeanne: E então?

Dirk: Então o quê?

Jeanne: Sei lá. Acha que ainda faço sexo com meu marido, por exemplo?

Dirk: Não sei.

Jeanne: Ainda não coletou dados, então!

Dirk: Sim, é verdade. Mas é um pouco... constrangedor.

Jeanne: Eu raramente faço amor com Albert. Mas me masturbo muito.

(E se vivêssemos todos juntos?, 2011, 00:37:17 - 00:37:57)

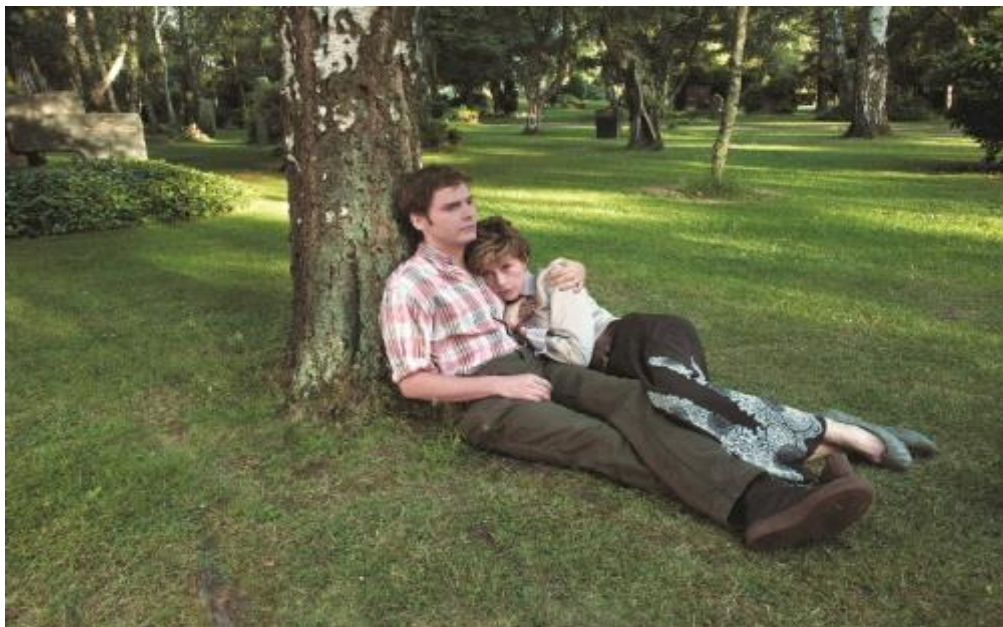
Diante da reação de Dirk, que parece constrangido com a declaração de Jeanne, ela fala:

Jeanne: Pare de pensar que os velhos são assexuados. Não somos anjos, sabe?

(E se vivêssemos todos juntos?, 2011, 00:38:19)

Dirk representa o olhar de fora, que busca a contemporaneidade sobre a velhice.

Figura 8: E se vivêssemos todos juntos?



Fonte: <http://vejasp.abril.com.br/atracao/e-se-vivessemos-todos-juntos>

Dirk vai morar com eles para estudá-los, observar o cotidiano e a vida cultural do grupo de idosos. Por causa da sua tese, ele começa a gravar a rotina deles com

uma pequena câmara. No princípio o ato causou um estranhamento, mas em seguida alguns aprovaram a atitude e mostraram que estavam gostando de serem filmados e vistos.

Em uma das gravações, Jean conta que reunir todos os amigos em baixo do mesmo teto foi sua ideia e, mais uma vez, podemos observar a atitude proativa que o grupo possui.

Jean: Eu tive a ideia desta comunidade. Eu sempre fui engajado com várias causas, minha vida inteira. Quando senti que meus amigos estavam em dificuldades, procurei uma solução.

(E se vivêssemos todos juntos?, 2011, 00:38:19 - 00:55:13- 00:55:28)

A questão da sexualidade é retomada em dois diálogos. Primeiro, enquanto Claude conserva com Annie, que foram amantes há 40 anos.

Claude: Acontece de você, em certos momentos, ainda ter desejo por mim?

Annie: Que história é essa? Isso não é legal.

Claude: Estou inseguro quanto ao meu poder de sedução.

Annie: Está zombando de mim.

Claude: É só para saber. É uma pergunta inocente.

Annie: Sim, à vezes. Às vezes.

(E se vivêssemos todos juntos?, 2011, 00:57:24 – 00:57:59)

Em outro momento, em uma conversa de Claude com Dirk a questão da sexualidade é, novamente, explicitada.

Claude: A propósito, queria lhe pedir um favor.

Dirk: Pode falar.

Claude: É um assunto delicado. Para os velhos como eu, sexo é tabu, não se fala nisso. Mas ele existe, é meio complicado. Não é fácil.

(E se vivêssemos todos juntos?, 2011, 00:59:03 – 00:59:21)

Claude inicia este diálogo com Claude para lhe pedir Viagra, já que depois do ataque de coração o médico não quis lhe dar e, como o próprio relata, ficou rindo da cara dele. Mostra-se que a sexualidade ainda é vista como um tema delicado na terceira idade, mas ela existe e não pode ser um tema a ser ignorado.

Quando o quadro de saúde de Jeane piora, todos os amigos se reúnem no quarto dela, ao redor da cama, para lancharem. Atitude similar que fizeram com Claude, mostrando a cumplicidade e companheirismo que possuem.

Uma das últimas cenas é as dos netos de Annie se divertindo na piscina que ela construiu para atraí-los para perto dela. Enquanto os amigos observam e aproveitam o dia, Annie corre de um lado para o outro preocupada com as crianças.

A última cena é de Albert chamando por Jeane, os amigos o olham preocupados enquanto ele continua a chamá-la. Ao verem que ele não vai parar de procurar por ela, todos se levantam e vão com ele, chamando por Jeane, que já faleceu.

A situação transmite uma sensação de vazio e tristeza. Porém, devemos ressaltar que o longa-metragem trata a velhice com todos os desafios e dificuldades, mas consegue retratá-la de forma leve, já que os amigos buscam apoio em si, formando uma rede de apoio e não se deixam tornar vítimas.

Podemos observar este argumento nos estudos de Guita Grin Debert.

O argumento central aqui é que as imagens e os espaços abertos nesses filmes para uma velhice bem-sucedida não envolvem necessariamente uma atitude mais tolerante com os velhos, mas sim, antes de tudo, um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo e nesse sentido têm um papel ativo no que venho chamando de “reprivatização da velhice”, processo em que seus dramas se transformam em responsabilidade dos indivíduos que negligenciara seus corpos e foram incapazes de se envolver em atividades e relacionamentos motivadores. (DEBERT, 2005, P. 26)

3.4 Sistematização

No decorrer da análise diversos pontos foram destacados. Para ficar mais claro, vamos recapitular cada um, unindo os três filmes.

3.4.1 *Sexualidade e relacionamentos amorosos*

O primeiro filme apresentado, **O outro lado da rua** retrata a relação de Regina e Camargo. Pode-se observar que Regina é insegura em relação ao seu corpo e, com a evolução do relacionamento ela se redescobre como mulher.

O longa-metragem **Toda forma de amor** mostra a determinação de Hal, que se assume homossexual aos 75 anos de idade e transforma sua vida, se permitindo viver novas experiências e conhecer novas pessoas. Ao abrir novos caminhos, conhece Andy e vive um relacionamento amoroso com ele.

No **E se vivêssemos todos juntos?** a sexualidade é um tema recorrente e pode ser observado em diversas cenas e diálogos. E mesmo reconhecendo que é o

sexo na terceira idade ainda é tratado como um tabu, os personagens frisam que é algo natural e que faz parte da velhice.

3.4.2 Independência e relação com familiares

Em **O outro lado da rua**, pode-se observar que Regina é completamente independente em sua vida e busca no serviço prestado a polícia o contato humano e novas vivências.

Sua relação com seu único filho e ex-marido é conflituosa, e ela só se esforça para manter contato com seu neto. Porém, Depois do seu envolvimento com Camargo, ela parece ficar mais segura e dá novos passos para se reconciliar com o filho.

No longa-metragem **Toda forma de amor**, Hal também mostra que é completamente independente. Porém, quando fica doente precisa do auxílio do filho, Olivier.

A relação entre pai e filho é harmoniosa e Oliver compreende o pai e suas escolhas pessoais, cuidando dele quando fica doente e precisa de auxílio , mas respeita seu espaço e observa as mudanças que a vida de seu pai passou.

Em **E se vivêssemos todos juntos?**, pode-se observar que todos os integrantes do grupo são independentes, porém os problemas de saúde os limitam.

É justamente neste ponto que os filhos aparecem nos filmes, que tentam interferir na vida dos pais, que não aceitam bem o fato.No caso de Annie, ela demonstra que está chateada porque a filha e os netos não a visitam mais. Para driblar a situação ela constrói uma piscina, com o intuito de atraí-los, mostrando que, apesar dos conflitos existentes, ela os queria por perto.

3.4.3 Cuidados pessoais/vaidade

Em **O outro lado da rua**, Regina possui cabelos pintados, se veste de forma sóbria e em alguns momentos de forma jovial, ao utilizar roupas mais justas que realçam seu corpo. Em algumas cenas do filme podemos vê-la se maquiando. Inclusive, em uma das cenas, depois que Regina termina de passar batom, ela dá um beijo no espelho, sinal de reverência a si mesma.

No filme **Toda forma de amor**, depois que Hal assume que é homossexual ele passa por diversas mudanças. No filme, Oliver narra o processo que Hal passa e fala que ele mudou todo o guarda-roupa, adota uma nova postura diante da vida. Pode-se observar tal fato na cena em que Hal aparece pela primeira vez com Andy.

Na película **E se vivêssemos todos juntos?**, os personagens que integram o grupo de amigos aparecem no decorrer do filme arrumados de forma clássica e com uma boa aparência. As personagens femininas, Annie e Jeanne merecem um destaque maior. Ambas possuem os cabelos pintados e estão sempre maquiadas e com joias. Annie apresenta um visual mais casual, usando, inclusive, tênis *all-star* em alguns momentos do filme, enquanto Jeanne é mais clássica.

Considerações finais

Este trabalho procurou apresentar o universo da velhice no cinema e retratar as mudanças comportamentais que o idoso sofreu nestas últimas décadas e, conseqüentemente, como tem sido representado pela indústria cinematográfica.

Em um primeiro momento, a velhice desde a Antiguidade foi abordada para que possamos observar como ela está ligada, historicamente, à ideia de finitude. Observamos também, com os estudos de Simone Beauvoir, que na década de 1970 os idosos ainda sofriam com comportamentos e ações que lhe eram impostas pela sociedade, diminuindo a sua capacidade criativa e de decisão.

Outro ponto importante apresentado neste trabalho foi o aumento da população idosa, fenômeno observado mundialmente. As políticas públicas voltadas para o público em questão também foram fundamentais para assegurar seus direitos. Exemplos destes avanços no Brasil é o **Estatuto do Idoso** e o projeto **Viaja mais Melhor Idade**.

Como consequência deste processo, pode-se observar que o constante crescimento na população da terceira idade e as mudanças comportamentais observadas fez com que um novo público surgisse e o mercado tomasse conta desta parcela da população. Com isto um novo *nicho* cultural ganhou espaço ao se buscar retratar o envelhecimento de uma forma positiva.

Em sequência, abordou-se o cinema e a sua capacidade em reproduzir imagens dando impressões da realidade. Com isto, observou-se que os filmes possuem uma grande capacidade de transmitir e chamar atenção para fatos cotidianos, refletindo nas telas uma leitura da cultura.

Desta forma, o paralelo traçado nos permite observar a evolução da forma que o idoso é representado pelo cinema, já que atualmente a indústria cinematográfica tem abordado de forma positiva e, em muitos casos, eles são os personagens centrais da história.

A questão do imaginário no cinema também foi debatida. O estudioso Michel Maffesoli (2001) foi de grande importância ao abordar as mudanças do imaginário, alimentadas por “tecnologias da comunicação”.

Os Estudos Culturais também foram abordados neste trabalho. É por meio destes estudos que podemos determinar o posicionamento do comportamento do

indivíduo diante dos produtos produzidos na cultura de massa. O trabalho de Raymond Williams (2005) e a dissertação de Maíra Carvalho Ferreira Santos (2013) contribuíram para esta reflexão, ainda que inicial, e foram essenciais para o debate.

Os três filmes escolhidos para análise são referenciais para exemplificar as modificações na representação do idoso no cinema. Pode-se concluir que novos temas recebem uma nova abordagem nos roteiros dos filmes citados, temas estes que antes eram considerados como tabu, um exemplo claro é a sexualidade na terceira idade.

A postura dos idosos diante da vida e das adversidades também foi representada de formas diferentes. A imagem do idoso que fica em casa vendo tevê o dia inteiro ou jogando dominó na praça mudou. Nos filmes analisados podemos observar a postura proativa que os cidadãos da terceira idade possuem.

Pode-se observar este fato no filme **E se vivêssemos todos juntos?**, em que o grupo de amigos assume uma postura ativa, impõe sua vontade e o controle de suas vidas.

No longa-metragem **Toda forma de amor**, esta postura, também, é observada na atitude que Hal tem, ao assumir que é homossexual e se permitir viver tudo o que tinha vontade, se reinventando aos 75 anos de idade.

Em **O outro lado da rua**, Regina não se sente parte do grupo de idosos que é representado tradicionalmente e busca no serviço prestado à polícia uma forma de se manter ativa e atuante.

Portanto, tais atitudes refletem as mudanças que a população idosa tem conquistado diante de uma maior expectativa de vida e com mais qualidade. O velho passa a ter uma nova identidade, dinâmica, proativa, sexualizada, diferente dos velhos de antigamente. Porém, deve-se resaltar que, por mais que a velhice seja retratada de forma positiva, não significa que temas como problemas de saúde, solidão e morte não estejam presentes na narrativas. O diferencial é a forma como os idosos reagem aos fatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORO cinema. Disponível em: <http://www.adorocinema.com>. Acesso em: 19 maio.2013.

ANIC, Luara. E o que é ser idoso?. **Lola Magazine**, São Paulo, ed. 13, p. 40–46, mar. 2013.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **A ideia do cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 165–196.

BERNARDT J.C. **O que é cinema**. 12.ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOARETTO, Roberta. Cinema, realidade e cotidiano: Imagens de um velho nas ruas. In: GUSMÃO, Neusa (Org.). **Cinedebate: cinema, velhice e cultura**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2005. p. 45–58.

BORGES, Maria Claudia. O idoso e as políticas públicas e sociais no Brasil. In: SIMSON, Olga (Org.); Neri, Anita (Org.); Cachioni, Meire (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. p. 79–104.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 22.ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

COSTA, Ana. **A força da idade**, 2007. Disponível em: http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/3333_A+FORCA+DA+IDADE. Acesso em 2.maio.2013.

DALMONTE, Edson. **Estudos culturais em comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-ameircana**, 2002. Disponível em: http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/dalmonate.pdf. Acesso em: 20.abril.2013.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo:Fapesp, 2004.

_____. A vida adulta e a velhice no cinema. In: GUSMÃO, Neusa (Org.). **Cinedebate: cinema, velhice e cultura**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2005. p. 23–44.

DIAS, Susana. As imagens da velhice no cinema. In: GUSMÃO, Neusa (Org.). **Cinedebate: cinema, velhice e cultura**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2005. p. 15–22.

EBERT, Roger. **A magia do cinema**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ENQUATRAMENTOS, planos e ângulos. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 16.maio.2013.

BRASIL. **Lei nº10.741, de outubro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 25 abr. 2013.

FLÓRIO, Marcelo. **A linguagem cinematográfica como objeto de estudo interdisciplinar**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0303-2.pdf>. Acesso em: 17.maio.2013.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GODINHO, Denise.. O cantar do cisne. **Revista da cultura**, ed. 67, p. 36–42, fev.2013.

GOMES, Viviane; MENDONÇA, Maria. **O novo idoso brasileiro: A ressignificação da velhice e o consumo na melhor idade**, 2011. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pesquisaDetalhe.php?option=trabalho&id=39452>. Acesso em: 15.maio.2013.

GONSALVES, E.P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2001.

GRINOVER, Paula **O poder da terceira idade**, 2003. Disponível em: <http://www.portaldafamilia.org.br/artigos/artigo132.shtml>. Acesso em: 17 maio.2013.

GUSMÃO, Neusa (Org). **Cinedebate: cinema, velhice e cultura**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2005.

IBGE. **População brasileira envelhece em ritmo** acelerado. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1272>. Acesso em: 18 maio.2013.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/> Acesso em: 19.maio.2013.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

KAUFMAN, Fani (Org.). **Velho: Envelhecimento, olhares e perspectiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MACHADO, Tonia; PAVARIN, Guilherme. **Cinema para depois dos 60**, 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/noticia/2012/08/cinema-para-depois-dos-60.html>. Acesso em: 10.abril.2013.

MASCARO, Sonia. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 15, p. 74 – 81, ago. 2001.

MORIM, Edgar. **O Cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Moraes Editora, 1970.

ONU. **População com mais de 60 anos alcançará 1 bilhão de pessoas em uma década**, 2012. Disponível em: <http://www.onu.org.br/populacao-com-mais-de-60-anos-alcancara-1-bilhao-de-pessoas-em-uma-decada/> Acesso em: 17 abr.2013.

REIS, Caroline. **Melhor idade – Oportunidade de Grandes Negócios**, 2011. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pesquisaDetalhe.php?option=trabalho&id=30274> . Acesso em 16.maio.2013.

SABADIN, Celso. **Copacabana (2001)**, 2009. Disponível em: <http://www.cineclick.com.br/criticas/ficha/filme/copacabana-2001/id/334>. Acesso em: 20.abril.2013.

SANTOS, Máira. **Construções imaginárias da velhice feminina no cinema Brasileiro Contemporâneo**. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Juremir. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15. p. 74 – 82, ago. 2001.

SILVA, Luna. **Terceira idade: nova idade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?**, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-3312008000400011&script=sci_arttext. Acesso em: 1 maio.2013.

Viaja mais Melhor Idade. Disponível em: http://www.braztoa.com.br/home/index2.php?url=abre_projeto&id=14. Acesso em: 10.maio.2013.

WERNECK, Felipe; LEAL, Luciana; LIMA, Daniel. **Copacabana é o bairro com maior número de idosos do país, diz Censo**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,copacabana-e-o-bairro-com-maior-numero-de-idosos-do-pais-diz-censo,739329,0.htm>. Acesso em: 16 maio.2013.

WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura, na Teoria Cultural Marxista. In: *REVISTA USP*. São Paulo, n. 65, p.210 – 224, março/maio, 2005.

ANEXO A – Cinema para depois dos 60: Por que filmes da terceira idade são cada vez mais comuns¹⁵

Tonia Machado e Guilherme Pavarin

Em *Um divã para dois*, filme que estreia no Brasil nesta semana, Meryl Streep vive uma mulher insatisfeita com seu casamento de 30 anos. Ela tem motivos. Seu marido, interpretado por Tommy Lee Jones, dorme em quarto separado, não a beija há mais de quatro anos e, toda noite, prefere assistir a um programa de golfe na televisão a ficar em sua companhia. Quando o assunto é sexo, a barreira é ainda maior. Há muitas desculpas e nenhuma intimidade. Para tentar recuperar a libido, ela procura um renomado terapeuta de casais. Passo a passo, ele envia o casal a realizar missões picantes.

O filme, cômico, integra um nicho que vem ganhando força nos últimos anos: o cinema para a terceira idade. São histórias sobre dilemas amorosos, sexuais e existenciais de pessoas acima dos 60 anos. Entre eles estão os premiados *Amour*, uma história sobre um casal de 80 anos, vencedor da Palma de Ouro em Cannes deste ano; e *O exótico hotel Marigold*, de 2011, uma comédia sobre aposentados que faturou US\$ 130 milhões pelo mundo – tendo custado US\$ 10 milhões.

A tendência representa uma ruptura com um preconceito antigo. Anos atrás, filmes que mostravam relações românticas entre casais acima dos 60 anos não eram bem recebidos. Numa das cenas famosas do gênero, do filme *Chuvvas de verão*, de 1977, os experientes atores Jofre Soares e Miriam Pires eram vaiados ao aparecer nus e abraçados na tela. O público parecia agredido pela cena. “Muitas pessoas não gostaram”, diz Cacá Diegues, diretor do longa-metragem. “Os personagens idosos eram ridicularizados.” De acordo com a médica Marilene Vargas, diretora do Núcleo de Sexologia e Geriatria de Curitiba, acreditava-se até recentemente que os velhos eram assexuados. Hoje, sabe-se que não há idade-limite para levar uma vida romântica e sexual saudável.

A explicação para a mudança no comportamento dos produtores de cinema e do público é óbvia: a população está envelhecendo. Segundo dados de 2011 da ONU, 13% dos moradores do planeta Terra (893 milhões de pessoas) têm mais de

¹⁵ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/noticia/2012/08/cinema-para-depois-dos-60.html>. Acesso em: 10.abril.2013.

60 anos. Mas não é só isso. Para o antropólogo Roberto DaMatta, articulista de *ÉPOCA*, a percepção de que muitos de nós viveremos mais que 70 anos faz com que pensemos e falemos mais sobre a velhice. “O espaço entre maturidade e o fim está maior”, diz. “Os filmes sobre o tema permitem rever a vida. Propõem que o espectador encontre energia para renovar.”

Outro fator influente, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, é a vontade dos mais velhos em se manter atualizados. Com tantos filmes para adolescentes, aqueles que nasceram entre os anos 1940 e 1960 sentiam-se excluídos. Trazer ao cinema personagens maduros é uma maneira de atrair esse público, que busca ver-se nas telas. Se o cinema segue dados demográficos, é bom estar preparado para mais: estimativas da ONU mostram que, em 2050, o número de idosos será de 2,5 bilhões. O triplo de hoje.